

Sindicatos vão pressionar por aumentos reais

Trabalhadores com data-base no segundo semestre devem se beneficiar do cenário mais favorável da economia

Flávia Barbosa e Patrícia Duarte

• RIO E SÃO PAULO. A retomada do crescimento econômico vai aumentar o poder de barganha dos sindicatos nas negociações salariais do segundo semestre. Com as indústrias trabalhando cada vez mais próximo do limite de sua capacidade e com o aumento das exportações e expansão do setor de serviços, os trabalhadores poderão reivindicar reposição salarial e avanço nas cláusulas sociais dos acordos coletivos. E sem temer demissões, como nos últimos anos, ou se curvar diante das alegações dos patrões de faturamento em baixa.

Na avaliação de economistas e sindicalistas, são grandes as chances de os reajustes concedidos representarem aumento real de renda, ou seja, fiquem acima da inflação acumulada. Pesam, ainda, nessa expectativa o fato de terem data-base de julho a dezembro algumas das categorias mais importantes do país: petroleiros, bancários, metalúrgicos, aeronautas, aeroviários e telefônicos.

Economia em alta fortalece mercado de trabalho

— Estamos num momento em que as empresas precisam dos trabalhadores, por conta do crescente aumento de encomendas e da demanda por serviços, o que lhes confere maior poder de fogo. Estes trabalhadores tendem a ser os mais bem-sucedidos do ano — avalia o economista Marcelo Néri, da Fundação Getúlio Vargas.

Para o economista Márcio Pochmann, do Centro de Estudos Sindicais e do Trabalho da Unicamp, o segundo semestre de 2000 apresenta, sem dúvida, o melhor contexto para reivindicações dos últimos anos — nível de atividade em alta, crescimento da oferta de empregos, ausência de pressão inflacionária e eleições — abrindo espaço até para o funcionalismo público.

O que as categorias reivindicam



► **BANCÁRIOS**
Data-base: setembro
Quanto são
cerca de 470 mil trabalhadores

► **O que podem**
reposição da inflação de 6,13% (ICV-Diése), mais aumento real de 19,96% e a criação de auxílio-educação para reciclagem profissional dos trabalhadores.

► **O que ganharam em 99**
a reposição da inflação



► **QUÍMICOS E PETROQUÍMICOS**
Data-base: novembro
Quanto são
350 mil trabalhadores

► **O que podem**
redução da jornada de trabalho em 10%, reposição salarial referente às perdas acumuladas no Plano Real, reposição da inflação (segundo o ICV-Diése), estabilidade de emprego para acidentados e doentes profissionais e manutenção dos direitos adquiridos na convenção anterior

► **O que ganharam em 99**
reposição da inflação e a manutenção dos direitos



► **EMPREGADOS NA INDÚSTRIA DE ALIMENTOS**
Data-base: setembro e novembro (SP)

Quanto são
300 mil trabalhadores em São Paulo

► **O que podem**
reposição da inflação (cerca de 6%), aumento de 10% para recuperação do poder aquisitivo e manutenção de todos os direitos trabalhistas conquistados em negociações anteriores

► **O que ganharam em 99**
reposição da inflação e a manutenção dos direitos adquiridos



► **PETROLEIROS (Petrobras)**
Data-base: setembro
Quanto são
36 mil empregados na ativa e 40 mil

aposentados

► **O que podem**
correção salarial (6,13% pelo ICV-Diése), reposição salarial das perdas acumuladas no Plano Real (39,75%) e aumento de 13,85% a título de produtividade. Reivindicam também bônus salarial

► **O que ganharam em 99**
reajuste de 3,9% (abaixo da inflação, de 5,79%) e abono de 1,3 salário-básico



► **AERONAUTAS**
Data-base: dezembro
Quanto são
10 mil pilotos, comissários de bordo e

mecânicos

► **O que podem**
avanço nas cláusulas sociais e reposição das perdas, a ser definida em setembro

► **O que ganharam em 99**
6%, após dois anos sem qualquer reposição



► **TELEFÔNICOS**
Data-base: dezembro
Quanto são
60 mil trabalhadores

► **O que podem**
a pauta será definida em setembro, mas incluirá reposição da inflação e ganhos de produtividade

► **O que ganharam em 99**
6% de reajuste, para inflação de 9% em 12 meses



► **METALÚRGICOS SP**
Data-base: novembro
Quanto são
cerca de 450 mil trabalhadores

► **O que podem**
preparar a pauta de reivindicação, mas alguns pontos já estão fechados, como a redução da jornada de trabalho

► **O que ganharam em 99**
reposição da inflação e a manutenção das cláusulas sociais

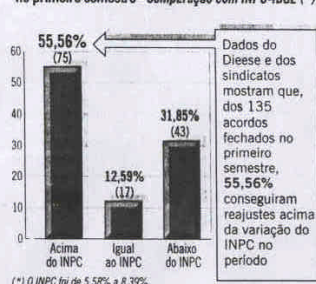


► **AEROMECÂNICOS**
Data-base: dezembro
Quanto são
26 mil trabalhadores "de chão" em aeroportos e empresas aéreas

► **O que podem**
reposição de cerca de 28% em perdas, ganhos de produtividade (ao menos 7%) e ampliação das cláusulas sociais

► **O que ganharam em 99**
6% de reajuste (pediram 8%) e parte das perdas entre 1996 e 1999

Como foram os reajustes salariais fechados no primeiro semestre - Comparação com INPC-IBGE (*)



(*) O INPC foi de 5,58% a 8,39%

Tanto a CUT como a Força Sindical vão aproveitar a retomada da atividade econômica do país para pedir aumento real para os salários e, como forma de pressão, ameaçam com a volta de greves generalizadas — estratégia abandonada nos últimos anos. O presidente da Força Sindical, Paulo Pereira da Silva, Paulinho, diz que o aumento terá de variar entre 10% e 15%, além da reposição da inflação dos últimos 12 meses.

— Vamos brigar por duas coisas: aumento salarial e redução da jornada de trabalho. Este ano, a situação é diferente para nós e vamos atrás de recuperar nossas perdas. Muitas greves deverão acontecer até o fim do ano — diz Paulinho, lembrando que nos últimos anos a preocupação maior era com a manutenção do emprego, diante do quadro de recessão.

— A conjuntura econômica favorece a recuperação dos salários. Será que o patronato vai ter coragem de recusar novas reivindicações? — desafia o presidente da CUT, Kjeld Jacobsen.

Indústria alega que encargos impedem repasse de ganhos

A exemplo dos bancos, as empresas dizem que a negociação por aumento real não será fácil. O presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Horácio Lafer Piva, defende a necessidade da desoneração da indústria, via reformas estruturais, para que os ganhos possam ser repassados aos trabalhadores.

— Existe entre os empresários a preocupação com o aumento do poder de compra dos trabalhadores. Isso deve ser conseguido com a união de esforços de empresas, empregados e Governo, para buscar as reformas que permitam gerar ganhos aos trabalhadores — afirma o presidente da Fiesp.

dos lucros dos bancos com a desvalorização. Os telefônicos preparam levantamento sobre os ganhos de produtividade das teles e os metalúrgicos podem se valer do crescimento das exportações.

A presidente do Sindicato dos Aeroviários, Selma Balbino, adiciona outro ingrediente

à discussão: boa parte dessas categorias é formada por trabalhadores qualificados e de classe média — o segmento social que mais perdeu com as últimas crises. Na sua visão, essas perdas acumuladas estão acirrando os ânimos da categoria que, diz Selma, não está disposta a ceder desta vez.